

Sete páginas com o melhor das artes e espetáculos



"Composição" (1942)



"Figura" (1943)



"Figura Geométrica" (1954)

## ARTES

### Dacosta, 45 anos de emoção

Da geometria às Vênus capitosas

Os ventos em geral não andam bons para os dois principais museus de arte moderna do Brasil. O do Rio, visivelmente, ainda não ressurgiu das próprias cinzas e está longe de ocupar o espaço cultural de antes do incêndio de 1978. O de São Paulo vive mergulhado numa crise financeira permanente, da qual nem a batalha da atual diretoria (onde há muita gente ligada aos altos escalões da empresa privada) consegue resgatá-lo. Apesar disso, o MAM paulista não entregou os pontos, conseguiu realizar seu mais ambicioso projeto para este ano: uma retrospectiva com 165 obras, de 1936 a 1981, de Milton Dacosta. Se a exposição está de pé, impecavelmente acabada (montada por Diná Lopes Coelho), acompanhada de um bom catálogo-livro com setenta reproduções a cores, tudo isso se deve ao esforço pessoal do arquiteto César

Luis Pirés de Mello, um dos diretores do museu, que se empenhou em cada mínimo detalhe: E, como ele, também outras pessoas deram de graça seu trabalho — sendo este o único defeito do projeto, que, em circunstâncias mais civilizadas, deveria ser remunerado.

De qualquer forma, César Luis foi um dos donos da Galeria Cosme Velho em seu apogeu — e nada tem, portanto, de estreatante ou amador. Desde a fase de pesquisa, a retrospectiva foi cercada de todos os cuidados, e o próprio Dacosta acabou participando da seleção final dos quadros. Isso significa que, até na opinião do artista, aqui está a parcela mais significativa de sua produção. O dado cresce de importância quando se lembra que Dacosta é, hoje, a segunda estrela viva do mercado de arte (a primeira é Volpi) e ocupa uma posição de presti-



"Figura com Borboleta" (1961)

gio indiscutível junto à crítica, que nunca lhe negou o status de um dos maiores pintores do país. Mesmo que sua produção dos últimos dez anos já não tenha o rigor de outras épocas — em especial da década de 50, que marca sua plenitude —, Dacosta nunca entrou em decadência. Optou, isso sim, por uma obra de maior virtuosismo e efeito imediato, bonita, brilhante, onde Vênus capitosas são visitadas por pássaros concupiscentes, num clima de rotundo erotismo à la Rubens. Há quem pense numa concessão ao gosto do mercado — mas o crítico Jayme Maurício, num belo texto no catálogo, se encarrega de legitimar, até quase filosoficamente, essa fase.

Ela se integra muito harmoniosamente, aliás, na longa trajetória do pintor. Compreensivelmente, há poucos exemplos do início — mas eles bastam para indicar a plena posse de meios técnicos sem os quais Dacosta não poderia ter empreendido sua aventura pessoal. Esta começa no fim da década de 40, quando, após uma fase de visível influência da "pintura metafísica" italiana, o artista vai geometrizando suas figuras. A geometrização é a característica principal dos anos 50 — e o caminho para a maturidade plena. De certa maneira influenciado pelo concretismo (ou pelo espírito construtivista que domina os meados da década), Dacosta chega à pura abstração geométrica, jogando com linhas, retângulos e algumas poucas cores e criando os quadros que até hoje fazem a delícia de certos colecionadores requintados. Depois ele retorna às figuras — mas sem nunca esquecer a lição construtiva. É um mestre em equilibrar a razão e a emoção e em dosar sutilmente ambos os tipos de estímulo.

Da retrospectiva como um todo extrai-se, aliás, uma lição fundamental. Na verdade, a grande arte não pode ser feita em função de um programa, uma tese, uma idéia a demonstrar — mas tampouco se obtém sem alguma disciplina. Dacosta sempre seguiu livremente as regras de sua própria intuição. Mudou de fase quando sentiu que era hora, não se preocupou em ser abstratamente coerente nem com a construção de um projeto. O resultado é, apesar disso, uma obra impecavelmente edificada. Na altura de seus 66 anos, e plenamente gratificado por todos os tipos de sucesso, Dacosta pode sentir-se também tranqüilo quanto ao fato de ter dado, com a maior eficiência e qualidade, seu recado fundamental como artista.

Olívio Tavares de Araújo



Shirô: traço impetuoso em busca do inusitado

## Além dos limites do conhecido

### FLÁVIO-SHIRÔ

• **Galeria Saramenha, Rio**  
Flávio Shirô, artista brasileiro nascido no Japão (1928) e atualmente radicado em Paris, pertence à família dos Goya, dos Soutine e dos Bacon: ele é movido por um sentimento dramático, trágico mesmo, que o leva a despir as formas de toda aparência complacente para exibí-las como os despojos de uma implacável indagação.

Essa indagação vem de longe, passa pelo estudo dos velhos mestres da pintura e pela assimilação de diferentes técnicas: o mosaico, a gravura moderna e a litografia. Esse aprendizado se reflete na pintura atual de Shirô, bem como a experiência do abstracionismo lírico e do informalismo, casada à herança do gosto oriental requintado que está presente sobretudo na matéria quase preciosa de seus quadros. A matéria é rica, mas de uma riqueza sutil que quase se oculta na aparente espontaneidade das manchas e dos rabiscos. A isso se somam as cores, que emergem na tela plenas de energia e emoção, mas elaboradas e contidas. E é sobre esse fundo, criado com apuro técnico e sensível, que se exerce a quase truculenta expressividade do desenhista. A arte de Flávio-Shirô é uma arte de contrastes e conflitos: finura e violência, controle e desregramento. Necessidade de ultrapassar os limites do conhecido.

O instrumento dessa necessidade é, nele, o desenho. O traço impetuoso e

imprevisível mergulha no desconhecido à procura da forma inusitada, nascente, rudimentar, onde a vida desperta furiosa. É essa fúria, que a aparência habitual esconde, que lhe interessa captar. Por isso, se parte da forma conhecida, descarna-a, expõe-lhe a musculatura e os nervos; se parte da forma intuída, impede que ela se configure plenamente, a fim de que a energia originária não se dissipe. E é da polarização de tais contrastes que surgem os traços próprios da arte de Flávio-Shirô.

Ferreira Gullar

## A arte de Wega, numa capela

Um festival de cores e sensibilidade servida por uma técnica apurada. Isso é o que podem esperar os visitantes da nova exposição



de Wega, em São Paulo, até o dia 30. Tendo como cenário uma antiga capela convertida em galeria (rua Gil Eanes, 731), a mostra de 21 obras de Wega é a primeira que a artista realiza desde a Bienal de 1979, onde apresentou uma sala especial. E também é a primeira exposição desse novo espaço artístico, antes dedicado a leilões. Tendo como tema sobretudo suas "paisagens imaginárias", os quadros têm preços de 60 mil a 700 mil cruzeiros.